

Por uma correta adoração

Adoração deveria ser uma palavra restrita à relação homem/Deus. Generalizou-se, no entanto, o uso do verbo “adorar” como sinônimo de “gostar”, para referir-se a sentimentos e preferências por pessoas e coisas. “Eu adoro você”; “Como eu adoro isto...” Alguns ainda tentam despertar alguma conscientização afirmando corretamente: “Adorar só a Deus”.

Adorar é render homenagem a quem tem toda glória: nosso único, excelso e santo Deus. É reconhecer Sua grandeza e louvar Seus atributos. É tributar-lhe toda honra e celebrar seus feitos maravilhosos. É prostrar-se diante da Sua majestade e glória, reconhecendo sua presença. Adorar é oferecer a Deus não mais sacrifícios de animais, mas sacrifícios de louvor, de ação de graças pelo que Ele é e realiza.

Comumente ouvimos irmãos dizendo que vão glorificar, exaltar, coroar ou entronizar a Deus ou a Jesus. Nosso Deus já é o Senhor de toda glória. Jesus já foi exaltado pelo Pai. A coroa e o trono já foram conquistados por Ele na cruz, quem somos nós para oferecer glória ao Senhor. Estas expressões só têm sentido quando o adorador objetiva reconhecer a glória que Ele já tem e maravilhar-se diante do esplendor de Deus e render-se diante de Seu poder.

Os filhos de Deus se reúnem para cultuar a Deus (não para assistir ao culto). Entretanto, a adoração ao Senhor não termina com o poslúdio. A adoração comunitária sim, mas a adoração pessoal, não. Deus não está restrito a certos lugares nem se manifesta somente em certos momentos. Deus não é provinciano, exclusivo de uma cultura ou grupo. É onipresente e permanentemente interativo com seu povo. Não há lugar ou situação em que Deus não possa estar. O cristão vive em estado de adoração, de reconhecimento da presença de Deus onde estiver. A rigor, não entramos e muito menos saímos da presença de Deus. O cristão vive na presença de Deus.

Não vamos ao templo para assistir ao culto. Vamos para prestar culto. Cada oração, cada participação musical, cada parte da liturgia deve ser a nossa expressão de adoração. Não podemos ser meros espectadores do culto. Infelizmente, em muitas igrejas a maior parte dos atos do culto é restrita a um grupo pequeno. A congregação tem pouca participação. Graças a Deus isto tem mudado. A congregação quer cantar, orar, emocionar-se diante de Deus; quer celebrar a vida, a redenção e as vitórias em Cristo. A busca da estética e da beleza do ritual litúrgico não pode sufocar ou intimidar o envolvimento entusiástico do povo de Deus.

O culto cristão em sua origem valorizava a participação do povo. Nas igrejas do Novo Testamento as pessoas iam aos cultos comunitários porque sabiam que lá cantariam, orariam, chorariam diante de seu Deus, se

confraternizariam com seus irmãos, se edificariam na Palavra, que, enfim, seriam abençoadas. Na Idade Média os atos de culto ficaram restritos a alguns poucos clérigos. O povo não tinha vez. Com a Reforma foi-se, aos poucos, devolvendo ao povo o direito de participar ativamente da liturgia. No início do século, com o advento do movimento pentecostal algumas igrejas começaram a experimentar uma renovação litúrgica. Entretanto, alguns excessos e extravagâncias que patrocinados pelo movimento levaram algumas igrejas tradicionais a restringir a participação espontânea da congregação.

As igrejas deste tempo estão mais conscientes e moderadas. Deseja-se hoje experimentar um culto que equilibre com maturidade o formal com o informal, o ritual com a espontaneidade, a emoção com a razão e a criatividade com o bom senso. Busca-se hoje um culto que atenda às necessidades de crianças, jovens, adultos e anciãos de prestarem culto a Deus no seu jeito de ser, com respeito mútuo e sem arranjos doutrinários. A igreja já sabe distinguir entre um culto alegre e dinâmico de um culto que peca por desvios da compreensão saudável do que diz as Escrituras.

Atos de adoração não se restringem às partes de um culto comunitário. Não só se cultua a Deus com hinos, orações, leituras bíblicas, participações musicais, ofertas ou pregações. Cultua-se a Deus também com nossas ações cotidianas, com o nosso viver cristão. As nossas boas obras glorificarão (manifestarão Sua glória) a nosso Pai. Louvar a Deus não significa somente cantar com a voz. Alguns até inapropriadamente chamam os momentos de cânticos de “momento de louvor” como se as demais partes do culto comunitário e o viver do cristão não fossem também ações de louvor ao nosso bondoso Rei.

A adoração não é, como entendem certas religiões, uma tentativa de subornar a divindade. Satisfazê-la para colocá-la a serviço do adorador e atender seus interesses. Isto é pequeno e mesquinho demais para um cristão... Infelizmente, alguns membros de igreja parecem quase querer manter este tipo de relação com Deus: "Eu vou agradá-lo para ele me recompensar". O nosso Deus é soberano. Ele faz o que Lhe apraz e age mediante Seus valores santos.

Adoração também não é uma busca para aplacar a ira de Deus, como crêem certas seitas. Apresentam oferendas e fazem sacrifícios visando minimizar suas culpas e controlar os acessos de raiva da divindade. Esta visão não se coaduna com o espírito cristão. O Deus cristão é um Deus de justiça e misericórdia. Ambos atributos procedem de Seu amor. Deus atende ao coração verdadeiramente contrito. Todo o sacrifício que fizermos ou ofertas que dermos só terão valor se forem produtos de um coração profundamente arrependido. Do contrário, será zombaria e Deus não se deixa escarnecer.

A Bíblia diz que fomos criados para a glória de Deus (Is. 43.7), para o louvor da sua glória (Ef. 1.6,12,14). Alguns podem achar (como muitos críticos do cristianismo afirmam) que Deus é vaidoso: dá vida às suas criaturas para receber delas adoração. Eles não sabem que o maior beneficiário da adoração é o próprio adorador. Nossa alma precisa de Deus como nosso corpo, da água. Se não adorarmos ao Deus verdadeiro, adoraremos aos deuses deste mundo. Estes deuses se manifestam de várias formas. Foram inventados pelos homens e reforçados pela ignorância e trevas espirituais. A adoração aos deuses deste presente século é que tem produzido tanta assolação e caos a este mundo. Só o autêntico culto a Deus, Pai do Senhor e Salvador Jesus Cristo, é que produz paz interior, saúde mental e física e verdadeira comunhão da criatura com o seu Criador.

Pastor Walmir Vieira